

A experiência da escrita para uma construção cartográfica: caderno digital itinerante como dispositivo

The writing experience for a cartographic construction: itinerant digital notebook as a device

La experiencia de escritura para una construcción cartográfica: el cuaderno digital itinerante como dispositivo

Gabriela Walter Gonçalves*

Kátia Alexsandra dos Santos**

Resumo

O objetivo deste trabalho foi discutir acerca da utilização de um dispositivo de pesquisa: o caderno digital itinerante, a partir do qual foi possível promover a construção conjunta de uma pesquisa, partindo do método cartográfico. A pesquisa de campo que deu origem a esta reflexão metodológica teve por objetivo principal cartografar experiências sapatão na cidade, por meio da construção conjunta de um caderno digital itinerante no qual as participantes, juntamente com a pesquisadora, escreviam sobre suas experiências como mulheres lésbicas e/ou pessoas que se reconheciam enquanto sapatão. Tendo como um dos instrumentos a análise do diário de campo, produzido durante a pesquisa, foi possível discutir em profundidade o enfoque metodológico adotado e questionar a dicotomia pesquisadora-objeto, provocando algumas reflexões acerca da temática da participação e do desenvolvimento de pesquisas on-line, sobretudo no período pandêmico. Por fim, apostar na cartografia enquanto método de pesquisa com e não sobre permitiu a produção de uma pesquisadora sapatão que pudesse se ocupar da escuta, lendo sobre diferentes processos de subjetivação e, com isso, produzindo outros sentidos para seu objeto de pesquisa.

* Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-2989-5816>.
E-mail: gabrielawalter30@gmail.com

** Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-4706-6624>.
E-mail: kalexsandra@unicentro.br

Palavras-chave: pesquisa on-line; cartografia; técnicas de pesquisa; métodos; gênero.

Abstract

The aim of this study was to discuss the use of a research tool: the itinerant digital notebook, which facilitated the collaborative construction of research based on the cartographic method. The field research that gave rise to this methodological reflection aimed to map dyke experiences in the city through the collaborative construction of an itinerant digital notebook. In this notebook, participants, alongside the researcher, wrote about their experiences as lesbian women and/or individuals who identified as dykes. Using the analysis of the field diary produced during the research as one of the instruments, it was possible to deeply discuss the adopted methodological approach and question the researcher-object dichotomy, prompting reflections on the theme of participation and the development of online research, especially during the pandemic period. Ultimately, embracing cartography as a research method with, not on, participants allowed the production of a dyke researcher who could engage in listening, reading about different processes of subjectivation, and thereby generating alternative meanings for her object of study.

Keywords: online research; cartography; research techniques; methods; gender.

Resumen

El objetivo de este trabajo fue discutir el uso de un dispositivo de investigación: el cuaderno digital itinerante, a partir del cual fue posible promover la construcción conjunta de una investigación, a partir del método cartográfico. La investigación de campo que dio origen a esta reflexión metodológica tuvo como objetivo principal mapear las experiencias lesbianas en la ciudad, a través de la construcción conjunta de un cuaderno digital itinerante en el que las participantes, junto con la investigadora, escribieron sobre sus experiencias como lesbianas y/o personas que se reconocían como bolleras/camioneras. Teniendo como uno de los instrumentos el análisis del diario de campo producido durante la investigación, fue posible discutir en profundidad el abordaje metodológico adoptado y cuestionar la dicotomía investigadora-objeto, provocando algunas reflexiones sobre el tema de la participación y el desarrollo de investigación, especialmente en el período de pandemia. Finalmente, apostar por la cartografía como método de investigación con participantes y no sobre las participantes permitió producir una investigadora lesbiana que podía ocuparse de escuchar, leer sobre diferentes procesos de subjetivación y, con eso, producir otros significados para su objeto de investigación.

Palabras clave: investigación online; cartografía; técnicas de investigación; métodos; género.

O ano de 2020 se iniciou no Brasil como qualquer outro: tivemos carnaval, início das aulas nas escolas e universidades, contudo, em março, a partir da pandemia de Covid-19, foi preciso repensar as atividades iniciadas no ano letivo. As pesquisas em todas as áreas do conhecimento também foram afetadas: estudantes de graduação e pós-graduação tiveram que repensar suas investigações tendo em vista, principalmente, dois fatores: Primeiro, não era mais possível desenvolvê-las de forma presencial, sobretudo em contato com participantes, como havia sido programado; e segundo, outro fator que não pode ser negligenciado é que, inclusive, os temas e interesses de pesquisa foram afetados pelo contexto, afinal, pesquisadores e pesquisadoras estavam tomados pela emergência de uma pandemia sem precedentes, que realocou necessidades e interesses, inclusive do que deveria ser pesquisado.

Nesse sentido, as políticas editoriais passaram por alterações: revistas que tinham chamadas temáticas previstas ou fluxos contínuos adaptaram-se e apresentaram novas propostas, voltadas à temática da pandemia:

O mundo pós-pandemia será reconstruído e temos várias iniciativas nessa direção: revistas científicas, em várias áreas, já fazem chamadas para artigos que tratem desse novo cenário; centros de pesquisas nacionais e internacionais se associam para desenvolver projetos comuns e órgãos financiadores propõem verbas para projetos (Tonelli & Zambaldi, 2020, p. 82).

Houve ainda aquelas que estagnaram suas produções, simplesmente porque a principal preocupação daquele momento era a proteção da vida e não a manutenção de números de revistas atualizados.

Desse modo, se até então era possível manter a dicotomia entre o tempo da ciência e da divulgação dos achados científicos, a emergência de resultados impôs outro ritmo aos cientistas, sendo necessário produzir no agora sobre o agora. Muitas produções, em diversas áreas (Linhares & Enumo, 2020; Hammerschmidt & Santana, 2020; Oliveira & Souza, 2020; Ribeiro-Silva *et al*, 2020 etc.), têm colocado em relevo temáticas advindas do contexto pandêmico, contudo poucas têm discutido adaptações metodológicas surgidas em função dele. Alguns exemplos das investigações que se propõem a pensar questões metodológicas de pesquisas em decorrência do

contexto pandêmico é o texto de Furtado *et al.* (2020), que analisa efeitos da COVID-19 em populações vulneráveis e propõe discutir metodologias de pesquisas participativas nesses contextos. Foram utilizadas como técnicas:

a) análise das desigualdades nas vulnerabilidades à Covid-19 por meio de indicadores sociodemográficos e de condições de vida e saúde, baseados em dados secundários; b) análise documental de entrevistas, reportagens e pesquisas científicas veiculadas em meios de comunicação e em bases de dados científicas; c) diário de campo; d) questionários estruturados e entrevistas semiestruturadas sobre perfis sociodemográficos, condições de moradia, efeitos sistêmicos, percepções e vivências das pessoas relativas à pandemia de Covid-19; e) rodas de conversa sobre a pandemia de Covid-19 no que diz respeito às percepções sobre o acesso a informações, rotinas, adoção ou não de medidas de prevenção, impactos nas condições de vida, situações de violência, experiências de adoecimento e de morte de pessoas próximas, influências para a renda e apoios recebidos ou fornecidos, dentre outros aspectos; f) usuários-guia para a construção de narrativas sobre os mapas de cuidado e a vivência em relação à pandemia de Covid-19 (Furtado *et al.*, 2020, p. 311).

No que concerne aos instrumentos a serem utilizados, outras pesquisas anteriores à pandemia já vinham discutindo sobre potencialidades das pesquisas on-line, como o livro de Fragozo, Recuero e Amaral, “Métodos de pesquisa para internet” (2013) e o artigo de Mendes (2009) que apresenta algumas possibilidades metodológicas para pesquisas qualitativas no ambiente on-line.

Acerca dos desafios éticos de pesquisas com seres humanos no contexto da pandemia, o artigo de Pinto, Pessalacia, Gazarini, Silva-Neto, Moreira e Costa (2020) apresenta uma revisão integrativa da literatura, descrevendo os principais desafios elencados por pesquisadores da área médica, no início do ano de 2020, advento da pandemia. Segundo os autores, os principais desafios éticos elencados foram distribuídos em três categorias: “respeito à autonomia dos participantes das pesquisas, equidade na alocação de tratamentos a participantes de pesquisa e balanceamento entre riscos e benefícios dos estudos no período da pandemia” (2020, p.14).

Tendo em vista esse contexto de produção acadêmico-científica, este trabalho pretendeu discutir e refletir acerca dos caminhos metodológicos

de uma pesquisa realizada no contexto da pandemia, de modo a apresentar as estratégias e os dispositivos construídos. Para que se alcance tal objetivo, discorreremos, ao longo do texto, acerca da pesquisa original que deu origem às reflexões metodológicas. Essa, por sua vez, investigou os processos de subjetivação de pessoas que se reconheciam enquanto sapatão ou lésbica (Gonçalves e Silva, 2021), a partir de suas experiências com os dispositivos institucionais da cidade: família, raça, religião, educação, etnia, classe. A pergunta disparadora da pesquisa originária foi: “como é experimentar a cidade em um corpo sapatão?”.

Abordaremos, neste momento, as ferramentas utilizadas para a produção dos dados a partir da construção de narrativas e o modo como se estabeleceu a relação com e entre as participantes da pesquisa. Para isso, discorreremos inicialmente sobre algumas características da pesquisa a partir do método cartográfico.

PESQUISAS ON-LINE, MÉTODO CARTOGRÁFICO E PRODUÇÃO CONJUNTA DE DADOS ENTRE PESQUISADORA E PARTICIPANTES

Carolina Laurenti (2012) defende a importância das pesquisas que visam uma discussão metodológica em articulação com as teorias que lhe servem de sustentação. Apesar de, segundo a autora, ainda haver uma predileção por correntes positivistas e experimentais na Psicologia, no sentido de sua valorização científica, as pesquisas conceituais são de extrema relevância quando promovem discussões acerca das bases filosóficas, éticas e epistemológicas de um conceito ou método específico, evidenciando os procedimentos metodológicos utilizados. Compreendemos que, apesar de o presente trabalho partir de uma pesquisa já realizada, se aproxima mais de um estudo teórico do que de um relato de pesquisa, já que visa à discussão e reflexão acerca dos caminhos metodológicos de uma pesquisa realizada no contexto da pandemia, de modo a apresentar as estratégias e dispositivos construídos.

A pesquisa acadêmica da qual deriva o presente trabalho teve seu início antes de ser anunciada a pandemia por Covid-19 no Brasil e as

consequentes restrições de contato e circulação. Desde o início da pesquisa, se manifestou um desejo de produzi-la em conjunto com os participantes, algo que se tornou, no caminhar, um compromisso ético e metodológico fundamental. Regina Benevides de Barros e Eduardo Passos (2009) oferecem pistas acerca do caminho metodológico de uma pesquisa cartográfica. Ao afirmar que toda pesquisa é uma forma de intervir, os autores situam os três elementos de um processo de pesquisa (objeto, pesquisadora e produção de conhecimento) como coexistentes no plano da experiência. Ou seja, as pessoas que buscamos acessar, enquanto “objetos”, possuem um saber a partir daquilo que vivem e, por isso, pesquisadoras também estão na posição de aprender com participantes e responder, em vez de somente fazer as perguntas a partir de roteiros pré-elaborados.

O caráter interventivo de uma pesquisa cartográfica produz efeitos, inclusive, em quem ocupa o lugar de pesquisadora. É necessário que haja abertura, durante o processo investigativo, para analisar os efeitos do próprio ato de pesquisar; rever as perguntas; encontrar brechas para que outras questões sejam feitas; isto é, “deixar que o caminhar trace, no percurso, suas metas” (Barros & Passos, 2009, p. 17). Parte do que se entende enquanto a dissolução da dicotomia pesquisadora-objeto é deixar de lado o entendimento das participantes enquanto “informantes” ou “fonte de dados” (Kastrup & Passos, 2009, p.173). O que compõe um modo cartográfico de se pesquisar passa pela aposta na participação ativa e na produção conjunta dos dados. Ao afirmar essa posição ética, questionamos: “O que designamos por participação coletiva? Quem participa da pesquisa?” (Kastrup & Passos, 2009, p.173).

Para Sade, Ferraz e Rocha (2014, p. 69), a participação se efetiva a partir da confiança, significada como “com fiar – fiar com, tecer com, composição e criação com o outro”. Acrescentamos, com base em nosso processo: escrever com, pensar com, perguntar com. Tecer em conjunto é um acontecimento possibilitado pelos dispositivos da pesquisa. Segundo os autores e a autora, o dispositivo é construído tendo por objetivo a alternância de algumas funções, visando à valorização da possibilidade de agir e intervir de participantes. Aliás, nomear desse modo produz efeito: a escolha pelo nome “participantes” implica possibilitar espaço para que

a pessoa duvide, questione e coloque questões à pesquisa. “Dessa forma, o encaminhamento dos problemas trabalhados deve responder não só aos interesses do pesquisador, mas também ser capaz de tornar os participantes interessados e confiantes no processo, permitindo que assumam voz e participação” (Sade, Ferraz & Rocha, 2014, p. 88).

O dispositivo pensado para que os dados fossem produzidos coletivamente foi um caderno a ser compartilhado entre todas as participantes. Esse caderno, inicialmente, seria repassado entre as participantes através da pesquisadora, em um local da cidade a ser combinado. Funcionaria assim: uma das pesquisadoras iniciaria escrevendo e convidando à continuidade da escrita, levaria o caderno até uma das participantes em local escolhido por ela e uma semana depois ele seria devolvido e repassado à próxima pessoa e, assim, sucessivamente. Com a notícia da pandemia, entretanto, tais intenções não se efetivaram.

Inúmeras questões se colocaram naquele momento, tais como: vale à pena esperar a pandemia “passar” para dar continuidade à pesquisa? O formato on-line garante a mesma qualidade de dados produzidos presencialmente? Se a aposta é, ainda, pelo caderno físico, como garantir durante o processo de envio, que não aconteça contaminação por covid? Como argumentar ao Comitê de Ética em Pesquisa, no item “riscos e benefícios”, que o trabalho não iria oferecer riscos à vida? Logo, se, anteriormente, poderíamos elencar os riscos em pesquisas com seres humanos como “possíveis desconfortos ao falar sobre experiências pessoais”, no momento pandêmico, em que não havia previsão de vacinas e os números de mortes aumentavam diariamente, outra dimensão de risco aparecia. Ainda, outro fator que mobilizava preocupações no primeiro semestre de 2020 era a escassa produção bibliográfica, que se encontrava emergente, acerca de pesquisas na pandemia. Portanto, as tentativas de manter a pesquisa em andamento, naquele momento, eram acompanhadas de um desamparo e da sensação de que qualquer tentativa seria uma aposta cuja diretriz central era não ser mais um risco à vida.

Apostamos pela continuidade, conduzindo-a de forma on-line e criando adaptações possíveis. Uma delas foi a escolha pela manutenção do caderno em formato digital, denominado caderno digital itinerante, como

dispositivo principal de produção dos dados. “Itinerante” foi um termo que se manteve em relação à ideia inicial, momento em que ele significava uma viagem do caderno entre diferentes locais da cidade. A manutenção do termo após a escolha pelo formato remoto foi proposital, porque compreendemos que mesmo que não de uma forma geográfica, haveria um deslocamento, um trânsito do caderno entre diferentes territórios existenciais. Compreendemos o conceito de cidade, no decorrer da pesquisa, como uma máquina produtora de sentidos e sensações que envolvem, no que diz respeito ao espaço construído, interpelações históricas, afetivas, arquitetônicas e econômicas (Guattari, 2006). A princípio, todas as pessoas participantes estariam no mesmo espaço geográfico das pesquisadoras, para que fosse possível o repasse do caderno. Entretanto, com as necessidades de adaptações, entendemos que seria interessante que houvesse o acesso a diferentes locais e fomos amparadas pelo entendimento de cidade como território subjetivo.

Vale ressaltar que o dispositivo de produção de dados, neste caso, o caderno digital itinerante, não garante por si só o caráter participativo e não contém, em si, o poder de fazer com que se dissolva a dicotomia entre pesquisadora-participante. Isto porque, além de convidá-las a compartilhar sobre suas experiências e elaborarem conjuntamente as perguntas de pesquisa, é necessário construir um espaço para que as coisas sejam ditas. Portanto, “não se trata apenas da utilização de um determinado dispositivo, mas também de como manejá-lo de forma a criar uma zona de ‘inter-esse’ que vincule e articule pesquisadores, pesquisados e o campo de pesquisa” (Sade, Ferraz & Rocha, 2014, p. 79).

Este espaço que se cria com base na confiança, como dito anteriormente, pode ser nomeado como campo de dizibilidade e é abordado no seguinte trecho:

O que desperta a possibilidade de dizer, então, é o encontro que se dá, também conosco, num determinado estrato histórico e o que nele aparece como campo possível de dizibilidade. Com isto, entendemos que existe aquilo que podemos ver e dizer nessa formação histórica que vivemos, existe um modo de sentir e de desejar, elementos que em conjunto formam linhas de visibilidade e enunciação (Kastrup; Barros, 2009). Aplicando ao contexto de

produção do caderno, entendemos o seguinte movimento: ao mesmo tempo que há algo nesse momento em que vivemos que possibilita que as pessoas participantes se narrem de determinada maneira e que permite o próprio acontecimento da pesquisa, os jeitos de comunicar constituem construções narrativas que ampliam possibilidades de dizer, criam rupturas, atualizam discursos, produzem algo (Gonçalves e Silva, 2021).

Para que algo seja dito, é preciso que possa ser escutado. Que encontre um lugar em que ressoe e produza algum efeito ou sentido. Gloria Anzaldúa (2000), quando destina uma carta às mulheres escritoras de terceiro mundo, especialmente às mulheres negras, localiza que o ato de escrever não é esperado para elas. Isto se dá pelo entendimento de que para escrever é preciso ter algo relevante para ser dito e “relevante” é compreendido no sentido da comparação com a escrita intelectualizada, europeia e masculina. Em relação às mulheres lésbicas negras, com quem Anzaldúa se comunica neste texto, a autora escreve: “A lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe. Nosso discurso também não é ouvido. Nós falamos em línguas, como os proscritos e os loucos” (Anzaldúa, 2000, p. 229). Com esse trecho, compreendemos que os atos de dizer e escrever são atravessados pela experiência de racialização, de classe, de sexualidade.

A escrita, partindo de mulheres lésbicas, negras, de pessoas que se reconhecem sapatão, pode se constituir enquanto possibilidade de retomar o exercício de narrar como afirmação de que a experiência de corpos sapatão na cidade é algo que pode encontrar um espaço de escuta. Portanto, propomos um sentido oposto à provocação de Anzaldúa (2000, p. 230): “Talvez se deixarmos de amar as mulheres sejamos dignas de ter alguma coisa para dizer que valha a pena”. Ou seja, convidamos as participantes a narrarem justamente sobre o que não encontra muito espaço para ser dito, sobre amar mulheres, sobre circular pela cidade, família, religião, educação. O ponto comum do qual partimos foi o reconhecimento de si enquanto sapatão ou lésbica.

Grada Kilomba (2019, p. 82-83) afirma que “fazer pesquisa entre iguais tem sido fortemente encorajado por feministas, por representar as condições ideais para relações não hierárquicas entre pesquisadoras/es e informantes, ou seja, onde há experiências compartilhadas, igualdade social

e envolvimento com a problemática”. A pesquisa entre iguais traz como potencial a ampliação do campo de dizibilidade, algo que se conecta com o objetivo da proposta de escrita. O termo “iguais”, porém, pode ser problematizado. Isto porque, mesmo em um grupo que compartilha a experiência de uma sexualidade não hegemônica (heterossexual), as experiências com este “fator comum” são vividas de forma interseccional.

Patricia Hill Collins e Silma Birge (2021), ao discorrerem acerca da interseccionalidade como ferramenta analítica, alertam para a fragilidade de uma leitura “monofocal para abordar a desigualdade social” (p. 14). No caso da pesquisa a partir da qual deriva o presente trabalho, seria um erro considerar que a discriminação em relação à sexualidade pairasse da mesma forma sobre todas as experiências, ou que as condições para seu enfrentamento fossem as mesmas. Ao mesmo tempo que se reconheciam sapatão, são negras, pardas ou brancas; viveram em centros urbanos ou periferias; se identificavam como mulheres cisgêneras ou pessoas trans não binárias; eram gordas, magras, ou isso não aparecia enquanto um elemento ao falarem sobre si. Uma das pessoas era mãe, as outras não, e a faixa etária de quem participou teve variação entre 20 e 50 anos. Cada um desses elementos configurava um modo singular à experiência sapatão na cidade. Não adentraremos, no presente estudo, às análises relacionadas aos impactos dos diferentes territórios subjetivos na relação com a cidade, pois o intuito da discussão, neste momento, é voltar-se aos dispositivos presentes na pesquisa. Para tanto, a publicação da pesquisa original pode ser consultada (Gonçalves e Silva, 2021). Apesar disso, apresentamos algumas das caracterizações de participantes para oferecer elementos a serem pensados na discussão sobre comum, iguais e heterogêneo que vêm a seguir. Esse ponto é importante porque a construção do dispositivo da pesquisa (caderno) foi analisada como tendo sido construída num chão comum.

O que Kilomba propõe como significado do termo “iguais” pode ser pensado em consonância com o que Eduardo Passos e Virgínia Kastrup apresentam como “plano comum”, no texto “Cartografar é traçar um plano comum” (2014). A autora e o autor pensam o comum como “aquilo que partilhamos e em que tomamos parte, pertencemos, nos engajamos” (Passos

& Kastrup, 2014, p. 21). Acrescentam: “tal plano é dito comum não por ser homogêneo ou por reunir atores [...] que manteriam entre si relações de identidade, mas porque opera comunicação entre singularidades heterogêneas, num plano que é pré-individual e coletivo” (Passos & Kastrup, 2014, p. 17). No caso da pesquisa que desenvolvemos, o plano comum foi o reconhecimento de si enquanto sapatão. Isto não se configurou, entretanto, como uma homogeneidade, já que é impossível generalizar ou totalizar uma experiência.

O papel do “comum”, portanto, foi criar um “chão” em que pudéssemos nos constituir em coletivo e possibilitou o convite, assim como sustentou a probabilidade de que haveria ali um grupo de pessoas que compartilhasse algo, inclusive a heterogeneidade. Essa inseparabilidade entre comum e heterogêneo constitui um paradoxo presente na produção de conhecimento, o que nos leva a perceber que entre pesquisadoras e participantes implicadas numa pesquisa, existe ao mesmo tempo conexão e tensionamento. A possibilidade de acolher o tensionamento e incorporá-lo como parte do processo indica a intenção de enfrentar as hierarquias e, assim, afirmar a diretriz metodológica da cartografia: a transversalidade.

Ainda segundo Passos e Kastrup, a transversalidade é a possibilidade de não fixar um grupo a partir das dicotomias de verticalidade e horizontalidade, dois importantes aspectos de organização das instituições, inclusive da científica. A verticalidade é aquilo que hierarquiza as relações e a horizontalidade iguala e homogênea. Utilizando o exemplo da pesquisa desenvolvida por nós, negamos a horizontalidade da experiência de participantes à medida que nos recusamos a pensar em pessoas que se reconhecem sapatão como um grande bloco homogêneo. Assim, “foi assumida a importância de ‘pesquisar com’ ao invés de ‘pesquisar sobre’, de modo a construir um olhar compartilhado em relação ao que está sendo investigado” (Furtado *et al.*, 2020, p. 311). Buscamos operar a transversalidade no exercício constante de não verticalizar a pesquisa, dividindo a tarefa de perguntar e definir os objetivos no caminhar, na insistência por “tecer com”.

CADERNO DIGITAL ITINERANTE COMO DISPOSITIVO, ASPECTOS ÉTICOS E DINÂMICAS INTERSECCIONAIS NAS EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA

Algumas etapas antecederam o contato entre o dispositivo do caderno digital itinerante e as participantes-narradoras, que serão descritas a seguir. Inicialmente, realizamos um levantamento de possíveis participantes, a partir da amostragem bola-de-neve ou em série, que pode ser conceituada como “uma abordagem para localizar informantes-chave que possuam informações ricas ou então para localizar casos críticos” (Moreira & Caleffe, 2008, p.178). Localizamos alguns facilitadores, mas também limitações desta amostragem no decorrer de nossa pesquisa. A partir dela foi possível acessar pessoas de um grupo compreendido como minoritário, em parte, por uma das pesquisadoras se reconhecer neste grupo e já circular por meios como os coletivos de movimentos sociais; ter conhecimento de perfis nas redes sociais; possuir uma rede de relações pessoais com possíveis participantes. Partir dessa rede, porém, pode ter produzido uma limitação do alcance, já que se trata de pequenos grupos. Além disso, podemos citar a pouca diversidade de amostra no que diz respeito à localidade: as participantes foram pessoas do sul e do sudeste do Brasil.

Outro ponto importante foi que a escolha de uma ferramenta que envolvesse a leitura e a escrita não possibilitou a participação de pessoas analfabetas e/ou que não tinham acesso à internet, já que todo o contato foi realizado de forma on-line. Consideramos, portanto, que ter menos de 18 anos e ser analfabeta tenham sido critérios de exclusão. Apesar de, como já dito, as participantes-narradoras terem sido acessadas a partir de redes pessoais de relações das pesquisadoras, elas não se conheciam entre si e consideramos que esse fator enriqueceu o processo de pesquisa, já que por não se conhecerem, escolhiam narrar sobre si de forma a se apresentarem umas às outras, dizendo sobre suas idades, raças, locais em que residiam, entre outras narrativas.

Alguns critérios para a escolha de participantes foram: ter mais de 18 anos, residir no Brasil e se reconhecer enquanto sapatão ou lésbica. Houve uma preocupação no sentido da diversificação de pessoas convidadas em

relação à: idade, raça, identidade de gênero e localidade. No momento do convite, foi importante levar esses critérios em consideração, para evitar que o método de pesquisa “entre iguais” apontasse para uma homogeneidade de participantes, e não para o “chão comum”. Vale apontar aqui que, inicialmente, quando se pensava na realização da pesquisa de forma presencial, imaginava-se uma produção de dados na mesma cidade em que residiam as pesquisadoras. Entretanto, com a passagem ao ambiente on-line, optamos por não restringir as localidades de residência ou circulação de participantes, já que seria possível, em princípio, contatar pessoas de qualquer lugar do país de maneira on-line. Esse foi um dos efeitos da pandemia no modo de pensar o acesso às participações. Contudo, a metodologia de aproximação com a amostra, ou seja, através da rede pessoal das pesquisadoras, circunscreveu as participações ao Sul e Sudeste, conforme dissemos acima. Os contatos das pessoas convidadas foram adquiridos a partir de grupos de movimentos sociais de mulheres lésbicas e bissexuais do estado do Paraná no WhatsApp; grupo do movimento estudantil da Universidade; perfis na rede social Instagram, no caso de pessoas que falassem abertamente sobre as questões de sexualidade nesta rede. Ao todo, foram contatadas seis pessoas, dentre as quais houve uma recusa, um convite sem resposta e quatro aceites.

O contato inicial com as possíveis participantes buscou apresentar a ideia e o objetivo da pesquisa, a partir do envio de um convite. Quando demonstravam interesse, agendávamos uma chamada de vídeo através da plataforma Google Meet ou WhatsApp. Este momento, com duração entre 30 e 60 minutos, se voltava a uma explicação mais extensa acerca do objetivo da pesquisa e de como iria funcionar a participação, juntamente à apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado anteriormente pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, que já previa a realização da pesquisa em ambientes virtuais. O termo era lido em conjunto com as participantes que, posteriormente, enviavam uma assinatura digital para que o TCLE fosse preenchido, ou, então, elas preenchiam e devolviam o termo assinado. Combinávamos o tempo de uma semana para que o caderno retornasse e fosse feita a passagem à próxima participante. Entretanto, este tempo poderia ser maior ou menor, de acordo

com o decorrer do processo de escrita. Somente após essas etapas, era feito o envio, através de um endereço de e-mail ou de WhatsApp, do arquivo em formato Word, que denominamos caderno digital itinerante. Essas etapas da pesquisa ocorreram de forma simultânea.

Enquanto realizávamos o envio do caderno para uma das pessoas, agendávamos uma videochamada com a outra. Cada vez que o caderno retornava, era feita a leitura, o envio para a orientadora e um registro no diário de campo, acerca daquilo que a escrita despertava.

O primeiro texto escrito no arquivo foi nosso, respondendo à própria questão de pesquisa: “como é experimentar a cidade em um corpo sapatão?”. Ao final do registro, essa mesma pergunta foi feita, para servir de passagem à escrita de quem viria depois. O combinado era que cada pessoa que escrevesse, finalizasse com uma pergunta e, assim, sucessivamente, até passar por todas e chegar novamente até nós. O compromisso de responder ao próprio problema de pesquisa marca o lugar de pesquisadora-participante, assim como o de participante-pesquisadora, quando eram elas quem perguntavam. Durante o trânsito do caderno itinerante, em que as participantes realizavam suas perguntas-passagens, havia uma abertura da pesquisa àquilo que surgiria como um problema, uma questão, em seu caminhar.

Partindo do método cartográfico, era importante acompanhar os processos (Kastrup & Barros, 2009), os rumos que a pesquisa tomava quando chegava nas participantes-narradoras, mais do que estabelecer um roteiro do que seria perguntado durante a pesquisa. Fomos cinco pessoas escrevendo no caderno e acompanhando os processos de escrita umas das outras.

O ato de “devolver algo às participantes”, que costuma ser uma das últimas etapas e configura-se enquanto compromisso ético numa pesquisa, de comunicar os “resultados”, ocorreu durante todo o processo, num exercício de restituição. Lourau (2007) propõe um sentido à restituição como aquilo que deve ser intrínseco ao processo de pesquisar, diferente de comunicar um resultado sobre os “dados coletados” ao final de uma pesquisa ou simplesmente enviar o artigo publicado. É preciso haver, segundo o autor, “uma restituição pessoal, implicada e posta, dentro da pesquisa, como um procedimento real e necessário do ato de pesquisar (intervir)” (Lourau,

2007, p. 55). Ainda, restituição é significada como a possibilidade de dizer sobre aquilo que comumente fica em segundo plano numa experiência de pesquisa.

Cada participante-narradora teve um retorno com a resposta à pergunta que havia escrito no caderno digital e, ao final, todas receberam o arquivo novamente, com o corpo do caderno formado. Desse modo, não havia algo que estivesse escrito no caderno e fosse apenas de nosso conhecimento, ou que dependesse de nossa escolha sobre quais conteúdos seriam comunicados. Algumas pessoas que participaram assistiram à apresentação do trabalho final e uma delas foi participante da banca. Nós fomos, portanto, avaliadas por quem havia participado. Compreendemos que a restituição também ocorreu no contato com cada pessoa, entre as passagens do caderno digital. Nesses momentos, que ocorriam através de e-mail ou WhatsApp, o caderno chegava até nós acompanhado de comentários acerca de como havia sido a experiência de escrita. Escutamos que havia sido difícil escrever; que precisavam de mais tempo além de uma semana que havíamos combinado inicialmente; que, apesar de difícil, havia sido uma boa experiência; que estavam curiosas com as respostas; que teriam preferido falar a escrever; que gostariam de ter escrito mais ou que seu estilo de escrita era pouco formal. Escutamos, inclusive, pedidos de desculpas pelos erros ortográficos. Nesse momento, retornava a questão explicitada anteriormente nesse texto, a partir do encontro com Anzaldúa: Quem pode escrever? É preciso escrever de que modo e a partir de que lugar, para ser lida? Questões como essas, suscitadas ao encontrarmos o modo como as participantes-narradoras vivenciaram a escrita e a participação, encontravam lugar no diário de campo.

Um dos efeitos de situar a cartografia como pesquisa-intervenção é o posicionamento de quem pesquisa e quem é pesquisada/o num mesmo plano de implicação, a partir do qual acontece a análise. O diário de campo comparece nessa cena como local de registro do processo de pesquisar, tendo função de “disparador dos desdobramentos da pesquisa” (Barros & Passos, 2009, p.172). Como uma pesquisa que se propôs a acompanhar a produção de subjetividade através da escrita, não caberia atualizar o pressuposto dicotômico de que o diário de campo seria um local para

“impressões” ou um lugar em que estão reunidas informações subjetivas, enquanto o texto principal seria “objetivo”. O diário de campo foi utilizado para acompanhar os processos de subjetivação e produção de subjetividade da própria pesquisadora, assim como foi lugar de análise de implicação no processo de pesquisa, de registros de angústias e agenciamentos, constituindo-se enquanto conteúdo analítico.

Sendo assim, o dispositivo do diário de campo teve papel central e não externo, “contribuindo para todo o balizamento da pesquisa, incluindo a continuidade do percurso metodológico” (Furtado, Fegadolli & Chioro *et al.*, 2020, p. 312). Para Regina Benevides de Barros e Eduardo Passos, o formato de texto em diário remete a um “desvio metodológico” (2009, p. 174) no campo científico, fazendo referência ao uso dessa modalidade nas ciências antropológicas do século XIX, especialmente na relação entre colonizador europeu (quem escrevia) e povos colonizados (objetos de observação). Portanto, se visamos afirmar as políticas de narratividades que visem à descolonização e ao questionamento da ciência supostamente “neutra”, é preciso considerar o diário de campo em seu potencial de evidenciar aquilo que não entraria em um “texto oficial”. Desse modo, optar por incorporá-lo ao texto, embaçando as linhas muito definidas do que deve permanecer “fora” de um texto científico por se tratar de algo muito pessoal ou informal, foi uma estratégia metodológica e epistemológica importante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco da escrita deste trabalho foi discutir e refletir acerca dos caminhos metodológicos de uma pesquisa realizada no contexto da pandemia, de modo a apresentar as estratégias e dispositivos construídos. Abordamos a construção de um caderno digital itinerante que teve por objetivo promover a construção conjunta e a participação, partindo do método cartográfico. A referida pesquisa, por sua vez, teve por objetivo principal cartografar experiências sapatão na cidade e foi apresentada como trabalho de conclusão de curso em Psicologia, em uma universidade pública de uma cidade de médio porte, localizada no interior do Paraná. Optamos, aqui, pelo enfoque

metodológico adotado e por aprofundar a discussão sobre a dicotomia pesquisadora-objeto, provocando algumas reflexões acerca da temática da participação e do desenvolvimento de pesquisas on-line.

Compreendemos que construir um vínculo entre pesquisadoras e participantes “envolve a criação coletiva e partilhada de sentido, que implica não só a possibilidade de colocação de questões que são próprias dos diversos atores envolvidos, mas também a abertura aos efeitos dos encontros que ali se estabelecem” (Barros & Kastrup, 2009, p. 68). Nessa dinâmica, o interesse não é gerar uma criação única de sentido às questões que emergem numa pesquisa. Trata-se, de outro modo, de enriquecer o processo através da discordância, da expansão de significados sobre a experiência (em nosso caso) das pessoas que se reconhecem sapatão.

Algo que a pesquisa modificou foi o próprio entendimento da palavra “sapatão” por parte das pesquisadoras. Num primeiro momento, havia a ideia de que o termo estaria ligado somente à experiência de quem se reconhecia enquanto mulher, num sinônimo de “lésbica”. À medida que as escritas aconteceram, escutamos participantes que se reconheciam enquanto não binários e mesmo assim se utilizavam da palavra sapatão. Percebemos, então, que a lógica do sistema sexo/gênero como sinônimos ainda estava presente em nossa compreensão inicial. Os significados atribuídos à denominação “sapatão”, nas escritas realizadas no caderno, foram vários e distintos. Um deles foi o de mulheres que se relacionam com mulheres, partindo, portanto, da conjugação dos sistemas de sexo e gênero; de orientação sexual e identidade de gênero, enquanto outros questionavam esse colamento de significados. Nesse sentido, podemos pensar com María Lugones (2014), quando ela evidencia e critica a construção do gênero a partir do sexo. Tal aspecto ficou evidente na reivindicação de participantes à possibilidade de utilizar “sapatão” para dizer sobre sua experiência, ao mesmo tempo em que se reconheciam enquanto sujeitos não binários, ou seja, desafiando justamente a conjugação do significado da palavra à experiência de cisgeneridade, ampliando seus usos para além da corporeidade mulher cisgênera que se relaciona com outras mulheres cisgêneras, algo que permeia o senso comum pautado na cisheteronorma.

Retomando a questão do papel central da escrita em nosso trabalho, destacamos que nem sempre isso é algo possível ou que a escrita garanta, por si, a participação, como já discorremos anteriormente. Ela foi possível para pessoas que tinham alguma instrução no sentido de alfabetização. Ao olharmos para quem participou, vimos diferentes identidades de gênero, idade, raça e classe social, mas todas as pessoas haviam finalizado o ensino médio e realizado algum curso superior, seja técnico ou de graduação. Compreendemos, entretanto, que quem acessa uma pesquisa, enquanto participante, revela também quem não o faz. Uma das angústias que nos acompanhou, no lugar de pesquisadoras, foi não ter acessado diretamente mulheres sapatão indígenas, por exemplo.

No desenvolvimento da pesquisa foi possível experimentar também os constantes deslizos à norma e ao modelo dito hegemônico de fazer ciência, quase cedendo às obrigações de apresentar um produto muito definido, um resultado específico, etapas derivadas dos procedimentos de coleta de dados. Também não foi sem estranhamento que chegou às participantes o convite para uma composição, e não para uma entrevista. Ao entrarem em contato com a proposta, questionavam às pesquisadoras: “o que eu preciso fazer? tem limite de linhas para escrever?”. Tais perguntas retomavam a suposição sobre quem pesquisa como um sujeito que sabe, e de participantes enquanto objetos que respondem. Os tensionamentos, portanto, se fizeram presentes durante todo o percurso e nos convocaram a escutá-los e responder a eles de algum modo.

Uma das questões emergentes de todo esse processo, conforme citado no início do texto, era se a produção dos dados no ambiente on-line teria sua qualidade garantida quando comparada a uma produção presencial. Apesar de não termos uma conclusão generalizante sobre tal questionamento, arriscamos dizer que, neste caso, compreendemos que os dados produzidos propiciaram qualidade analítica. Acreditamos que isso tenha relação com o formato escolhido, e explicamos: mesmo que a pesquisa tivesse ocorrido presencialmente e ocorresse a passagem de um caderno físico, haveria algum momento de contato das pesquisadoras com o material que teria como centralidade a escrita, dispensando, em alguma medida, a presença física de participantes. Ademais, o prazo combinado de vários dias, para

que se devolvesse o material, amenizava o risco que se apresentaria no caso, por exemplo, de um formato de entrevista ao vivo, que poderia sofrer impactos relacionados, dentre outros fatores, à qualidade da internet, ao ambiente e contexto de inserção de participantes no momento do contato com as pesquisadoras.

Acerca de alguns dos desafios relativos às pesquisas on-line, com base nessa experiência, seja imaginar possibilidades de acesso diversos, de modo a pensar em estratégias que envolvam audiodescrição, ou outras ferramentas, de modo a evitar que os critérios de exclusão sejam definidos em função de saber ler/escrever, já que isso faz relação com os aspectos interseccionais envolvidos na possibilidade de acesso à alfabetização. Consideramos que seja importante atender-se aos princípios éticos estabelecidos pelos órgãos oficiais, em nosso caso, o Conselho Federal de Psicologia, mas incluem-se também os órgãos de ética em pesquisa, especialmente no que se refere ao armazenamento dos dados produzidos no ambiente on-line. Acreditamos que parte importante do processo de escrita de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do próprio convite a quem participa seja a explicitação de como, em quais meios e por qual período os dados produzidos na pesquisa serão arquivados.

Por fim, outra pergunta importante ao trabalho foi em que medida a discussão metodológica aqui proposta estaria relacionada a um ato político. Compreendemos sê-la por inserir-se numa disputa narrativa, ou seja, da construção dos modos de narrar. No tocante a esse aspecto, nos posicionamos ao lado de uma epistemologia feminista decolonial que faz a afirmação de que essa é uma disputa essencial, considerando a importância de que populações taxadas como subalternas, sobre as quais se foi produzido conhecimento como um modo de vida desviante, patologizável, inumano, potencialmente produzem rupturas ao narrarem a própria experiência. Exercitam, deste modo, a produção de subjetividade a partir da passagem descrita por Kilomba (2019, p.28): “essa passagem de *objeto* a *sujeito* é o que marca a escrita como um ato político”.

REFERÊNCIAS

- Anzaldúa, Gloria (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*. p. 229 - 236. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>
- Barros, Laura Pozzana de; Kastrup, Virgínia (2009). Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, p. 52-75.
- Barros, Regina Benevides de; Passos, Eduardo (2009). Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, p. 172-200.
- Collins, Patricia Hill; Bilge, Sirma (2021). *Interseccionalidade*. 1 ed. São Paulo: Boitempo.
- Escóssia, Liliana da; Tedesco, Silvia (2009). O coletivo de forças como plano da experiência cartográfica. In: Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, p. 92-108.
- Furtado LAC, Fegadolli C, Chioro A, Nakano AK, Silva CG, Paula L, Souza LR, Nasser MA (2020). Caminhos metodológicos de pesquisa participativa que analisa vivências na pandemia de Covid-19 em populações vulneráveis. *Saúde Debate*. Rio de Janeiro, v. 44, N. Especial 4, p. 306-318. doi: 10.1590/0103-11042020e421
- Fragoso, Suely; Recuero, Raquel & Amaral, Adriana (2013). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Guattari, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético* (2006) 4. ed. São Paulo: Editora 34. 208 p.

- Gonçalves, Gabriela Walter; Silva, Paula Marques da. (2021) Sapatão: narrativas político-afetivas de corpos-fronteira na cidade. In: souza, Simone Brandão; silva, Maria Aparecida; suares, Suane Felipe (Org.). Epistemologias e ativismos lésbicos no sul global. Sul-sul. *Revista de Ciências Humanas e Sociais*. Barreiras: BA. V. 02, N. 02, p. 19-46.
- Hammerschmidt, K., & Santana, R. (2020). Saúde do idoso em tempos de pandemia COVID-19. *Cogitare Enfermagem*, 25. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72849>
- Laurenti, Carolina (2012). Trabalho conceitual em Psicologia: pesquisa ou “perfumaria”? Editorial. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 2, p. 179-181, abr./jun. 2012. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pe/a/JG6pHTqMCdwf3dM9stcKxqz/?format=pdf&lang=pt> em 31.ago.2022
- Linhares, Maria Beatriz Martins & Enumo, Sonia Regina Fiorim (2020). Reflexões baseadas na psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Ciênc. saúde coletiva*. 25 (9) • Set 2020, p. 1-14. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>
- Lourau, René (2007) René Lourau na Uerj: análise institucional e práticas de pesquisa. *Mnemosine*, Rio de Janeiro: Uerj, v.3 n.2. p.50-73. Texto originalmente divulgado em 1993. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41317/28586> em 31.ago.2022
- Lugones, María (2014) Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*. Florianópolis. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>
- Mendes, Conrado Moreira (2009). A pesquisa on-line: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. *Hipertextus*, n.2, jan.2009, p. 1-9. Recuperado de <http://arquivohipertextus.epizy.com/volume2/Conrado-Moreira-MENDES.pdf?i=1> em 06.jan.2022.
- Moreira; Herivelto; Caleffe, Luiz Gonzaga (2008). *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Tonelli, Maria José; Zambaldi, Felipe (2020). Pesquisa em tempos de pandemia. Editorial. *RAE-Revista de Administração de Empresas* | FGV EAESP, 60 (2). p. 83-84. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020200601>

- Oliveira, H., & Souza, F. (2020). Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 2(5), 15-24. DOI: <http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.3753654>
- Passos, Eduardo; Barros; Regina Benevides de (2009) A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, p. 17-31.
- Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Tedesco, Silvia (2014). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, v.2, 310p.
- Pinto, Pessalacia, Gazarini, Silva-Neto, Moreira e Costa (2020). Problemas éticos em pesquisas com seres humanos durante a pandemia de COVID-19: revisão integrativa de literatura. *Research, Society and Development*, v. 9, n.12, 2020, p.1-32. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i12.10802>.
- Ribeiro-Silva, Rita de Cássia; Pereira, Marcos; Campello, Tereza; Aragão, Érika; Guimarães, Jane Mary de Medeiros; Ferreira, Andréa JF; Barreto, Maurício Lima & Santos, Sandra Maria Chaves dos (2020). Implicações da pandemia COVID-19 para a segurança alimentar e nutricional no Brasil. *Ciênc. saúde coletiva*, 25 (9) • Set 2020, p. 3421-3430. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.22152020>
- Sade, Christian; Ferraz, Gustavo Cruz; Rocha, Jerusa Machado (2014). O *ethos* da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir. In Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Tedesco, Silvia (org). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, v.2, p.66-91.

Recebido em 20/01/2023

Aceito em 02/12/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.